



ESCOLA DOMÉSTICA DE MACAPÁ: UM ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA NO AMAPÁ NO SÉCULO XX (1944-1954)

Priscilla Pantoja do Nascimento Brandão(1); Vitor Sousa Cunha Nery (2)

Universidade do Estado do Amapá. Email: prilpe@outlook.com.

Universidade do Estado do Amapá. Email: vitorcunhanery@yahoo.com.br

Resumo: Esta pesquisa objetiva discutir acerca da educação da mulher na metade do século XX. O estudo objetiva também, analisar a educação de meninas na Escola Doméstica de Macapá no período de 1944 à 1954. Metodologicamente, o estudo se apoia na pesquisa documental, que inclui Relatórios do Governo do Território do Amapá; Legislações Educacionais, Regulamento da Escola Doméstica de Macapá, Jornais locais e fotografias. As foram pesquisadas na Biblioteca Pública de Macapá, Arquivo Público de Macapá e antiga escola doméstica de Macapá. Observou-se que o núcleo moral do processo de escolarização pretendido era o cultivo do nacionalismo que objetivava fomentar o orgulho nacional e a educação era utilizada como instrumento dessa nacionalização. Com esta pesquisa compreendeu-se que a Escola Doméstica de Macapá, configurou-se como uma instituição filantrópica e confessional, que preocupava-se com a formação dos valores nacionalistas, o fortalecimento do modelo patriarcal de família, por meio da formação de meninas para o aprendizado das prendas domésticas, isto é, o aprimoramento da mulher na direção do lar. A pesquisa sobre as Escolas Domésticas revelou aspectos que até então estavam na invisibilidade, permitindo traçar um novo “quadro geral” das Escolas Domésticas no Brasil no século XX. Pesquisar a Escola Doméstica, no Amapá na segunda primeira metade do século XX, foi relevante pelo fato de contribuir para a (re)construção da história da educação na Amazônia, explicitando as especificidades da educação feminina, visando compreender, a partir dos contextos social, político, econômico e cultural, os fundamentos históricos da construção e organização das Escolas Domésticas no Amapá.

Palavras-chave: Escola Doméstica, Educação Feminina, Macapá-AP

INTRODUÇÃO

As inovações no campo da educação refletem mudanças sociais amplas, o que permite que se compreenda como certas transformações sociais ocorreram a partir do estudo da História da Educação. Porém percebeu-se que, são muito raros os trabalhos envolvendo a escola doméstica do Amapá, isto dificulta a compreensão do processo da história da educação neste lugar, que com o tempo pode até mesmo desaparecer, por conta do estado avançado de deterioração que os documentos desta escola se encontram, e as pouquíssimas pesquisas na área.

Assim, preocupa-se em buscar, desvendar as questões deste contexto, que até então estavam na invisibilidade. As principais questões



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que nortearam a pesquisa são: De que forma acontecia a prática de ensino e costumes na Escola Doméstica de Macapá? De que forma a menina-mulher era vista e tratada? O governo e a sociedade entendia os indivíduos (homens e mulheres) como sujeitos de direitos iguais?

Com a criação do Território Federal do Amapá, em 13 de setembro de 1943, a organização da educação amapaense seguia as diretrizes da normativa federal, diante disso o ensino estava dividido da seguinte maneira: ensino primário com duração de quatro anos; ensino secundário nas modalidades ginásial com duração de quatro anos e colegial com duração de 03 anos.

É importante ressaltar neste contexto, que desde o século XV, período no qual as pequenas comunidades democráticas finalmente tornaram-se institutos de ensino, estes estabelecimentos já definiam uma regra de estrita disciplina, a qual era vista como imprescindível para uma boa educação, tratava-se tanto da formação como da instrução dos estudantes de forma autoritária e hierárquica com disciplinas bastante rigorosas, o que se perpetuou por bastante tempo. (ARIÈS 1984).

Segundo Muniz (2003), já a partir da segunda metade do século XIX, verifica-se, no Brasil a institucionalização no orçamento governamental, comunitário e até mesmo particular para a extensão de subvenções aos colégios femininos, mais precisamente educandários religiosos, destinado as jovens órfãs pobres e desamparadas, o que cumpria uma função social que buscava reforçar os papéis tradicionalmente prescritos para as mulheres, o costume do dote reafirmava a importância social dada ao casamento como destino “natural” de toda mulher, reiterada dos papéis de gênero.

Em 24 de julho de 1851, chega à Macapá, a italiana, Irmã Santina Rioli, que junto com outras irmãs da mesma congregação (irmãs Celina Guerini, Batistiria Gritti, Rosa Agostini, Elvira Buyatti e Francisca Viola), fundaram a Escola Doméstica de Macapá, matriculando um grupo de meninas em regime de internato, tendo seu funcionamento iniciado em 06 de agosto de 1951. Santina Rioli teve uma atuação destacada como professora de Português e Trabalhos Manuais. Segundo depoimento de suas ex-alunas, ela gostava de ensinar às alunas a arte da cozinha, fazendo pratos deliciosos. Nas suas horas de folga, visitava as famílias das suas alunas e fazia a evangelização na periferia da cidade.

A Escola Doméstica de Macapá, atendia as alunas em regime de internato, especialmente órfãs desamparadas do interior do Território do Amapá, e de externato ou seja todas aquelas mulheres que desejavam aprender um curso doméstico. O caráter assistencial desta escola fica evidente no acolhimento de meninas órfãs e pobres o que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

configura de acordo com Marcilio (1998), uma instituição de tradição filantrópica e confessional.

Para Conceição (2012) os internatos surgem no Brasil na segunda metade do século XIX para fins de instrução ou educação, apresentando forte influência jesuítica e europeia. Esse modelo de regime educativo prevalece até a metade do século XX. Segundo o autor configura-se no país neste período histórico, uma política educacional que passa a adotar o regime de internato como modelo educativo, uma vez que:

A educação brasileira revela uma prática ou estratégia histórica de instruir, educar e moldar meninos e meninas nas regras do bem viver. Trata-se da “pedagogia de internar” praticada em diversas “instituições fechadas” como colégios, seminários, recolhimentos, conventos, etc. (CONCEIÇÃO, 2012, p. 31).

Já Muniz (2003) acredita que estudar, raramente era um privilégio estendido as mulheres desta época, os colégios religiosos em regime de internato foram criados para receber essas jovens e prepará-las para assumir o trono de um reino que já lhes estava predestinado pela sua condição de gênero, a autora fala em sua obra, mais precisamente da sociedade de minas gerais, porém o que percebe-se é que esta função da mulher é mantida por todo Brasil e pelo mundo, e não foi diferente no estado do Amapá, onde os interesses das autoridades pela escolarização do segmento feminino da sociedade, eram portadores de uma cultura familiar de desvalorização e confinamento das mulheres, além das escassas oportunidades de atendimento escolar, do isolamento e da precariedade do sistema de ensino.

A Escola Doméstica no jornal Amapá de 13 de setembro de 1852, era percebida como uma “trincheira moral e espiritual”, no combate em prol de um ideal de família no qual o marido trabalha fora de casa e seria o “chefe”, a mãe cuidaria do lar e dos filhos e estes permaneceriam na escola se preparando para um trabalho futuro (JORNAL AMAPÁ, 1852 p.04).

Segundo o Jornal Amapá de 26 de abril de 1853, na Escola Doméstica, as alunas eram preparadas para serem “exímias donas de casa, conhecendo todos os segredos que fazem parte do lar a pedra de toque da organização da família e da sociedade” (JORNAL AMAPÁ, 1853 p.2).

Este estudo tem relevância, na medida em que acredita e trata de resgatar, a história da educação feminina no amapá de 1944 à 1954, para que se possa contribuir facilitando a compreensão da processo educativo daquela época, até os dias de hoje.

Apresenta-se uma reflexão feita a respeito do significado da criação da escola doméstica, e instituição responsável pela criação da Escola Doméstica, e traz à tona a ideia de



que esses representantes estavam impregnados por uma concepção autoritária e conservadora de educação.

Esta produção tem a intenção de refletir acerca da educação feminina na antiga Escola doméstica de Macapá, no estado do Amapá, no período de 1944 à 1954, bem como mostrar como o debate sobre a educação da mulher na metade do século XX ocorrido em Macapá desenvolvia-se sob o suporte de um projeto de conservador e autoritário.

O trabalho objetiva também, analisar e discutir como se dava a educação de meninas na Escola Doméstica de Macapá no período de 1944 à 1954.

METODOLOGIA

O presente estudo se apoia em saberes experienciais, com entrevista feita com ex-alunas e também a pesquisa documental, extensa e cuidadosa, que inclui Relatórios do Governo do Território do Amapá; Legislações Educacionais, Regulamento da Escola Doméstica de Macapá, Jornais locais e fotografias. Utiliza-se neste estudo o termo “documento”, tal como definiu Le Goff (2003, p. 535), onde o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

Atualmente a história transforma os documentos em monumentos e apresenta alguns de elementos que é preciso isolar, reagrupar, tornar pertinente, ser colocado em relação, constituídos em conjunto. O novo documento alargado, transformado deve ser tratado como um documento/monumento. Nesse contexto, o documento é o resultado de uma montagem consciente ou inconsciente, da história de uma determinada época, da sociedade que o produziu e também das épocas sucessivas nas quais continuou a existir. O documento é considerado então um monumento, resultado do esforço da sociedade histórica para impor ao futuro, uma determinada imagem de si própria.

No campo da história com a renovação da historiografia “houve a necessidade de ampliação das fontes, pois [...] seria uma grande ilusão imaginar que cada problema histórico correspondesse um tipo único de documentos, especializado para esse uso” (BLOCH, apud LE GOFF, 2003 p. 98). Dessa forma, as fontes da história da educação e da escola são aquelas que se referem diretamente às práticas escolares, mas muitos aspectos da escola de outras épocas estão registrados no universo mais amplo de fontes. Essas fontes foram pesquisadas na



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Biblioteca Pública de Macapá, Arquivo Público de Macapá e na antiga escola doméstica de Macapá, atual escola Irmã Santina Rioli.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Escola Doméstica de Macapá, atendia as alunas em regime de internato, especialmente órfãs desamparadas do interior do Território do Amapá, e de externato, ou seja, todas aquelas mulheres que desejavam aprender um curso doméstico.



Fig1: Desfile durante a festa cívica em Macapá em 1944| Fonte: Nunes (1946).

A preparação para este desfile envolveu a intensificação do trabalho das alunas da Escola de Prendas Domésticas de Macapá, criada em 29 de maio de 1944, com o objetivo de confeccionar uniformes para os alunos do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Além da preocupação com a formação dos valores nacionalistas, destaca-se a preocupação com o fortalecimento do modelo patriarcal de família, por meio do investimento na formação de meninas para o aprendizado das prendas domésticas. Como é afirmado em um dos relatórios desta escola:

Quanto ao aproveitamento moral das alunas, posso afirmar com grande satisfação, que obtiveram uma mudança notável. Aprenderam a conservar limpo o dormitório e a própria cama, a manter em ordem o próprio calçado, a cerzir as peças de roupa, a comportar-se à mesa com educação; e em uma palavra iniciaram-se a uma vida de lar ordenada e prazenteira com o propósito expresso de levar a sua família às melhorias possíveis. Todas, durante os meses passados no internato, mantiveram uma conduta excelente, o que me é agradável manifestar [...] Foram premiadas as alunas de maior aplicação pelos trabalhos da escola. Foram premiadas as alunas de maior aplicação nos estudos e no trabalho doméstico. Em seguida uma delas usou a palavra agradecendo ao governo a instalação da escola doméstica. Uma poesia – A pátria – e uma oração a bandeira foram as notas de fervor pátrio da festa, que se encerrou com o canto do Hino Nacional. A obra é promissora de bom positivo. Uma das necessidades mais prementes do Território é a consolidação do lar, é a formação dos bons lares, com elementos que conheçam e sintam a responsabilidade que significa formar uma família, e os futuros cidadãos da pátria. E o nosso desejo iniciar o ano escolar de 1952, com um total de 33 alunas internas, no mínimo. (Relatório da escola doméstica- Macapá, 18 de dezembro de 1951-Natalina Guerini - Superiora).

A antiga escola doméstica, atual escola irmã Santina Rioli, inicialmente teve esse nome porque a sua finalidade principal era a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

formação das meninas para o lar. Criada pelo decreto-Lei nº 13 de 29/05/1944, pelo 1º Governador do território federal do Amapá Major Janary gentil Nunes. Começou a funcionar em agosto do corrente ano 1951, na parte do edifício que constituía a frente do mesmo, estando as demais dependências em construção. Foi criado para educar as jovens do território, prioritariamente as do interior. Funcionou em regime de internato até o ano de 1964, com capacidade para 40 alunas, número de vagas existentes.

O curso tinha a duração de 3 anos e conferia às alunas esmerada formação moral, espiritual e artística, esta feita através de representações teatrais, canto orfeônico e ginástica rítmica. Desenvolvia as diferentes áreas – Arte culinária, corte e costura, pintura em tecido, Tricô-Crochê, bordado à mão e economia doméstica, incluídas no currículo onde se dava ênfase às disciplinas obrigatórias para os cursos secundários vigentes na época. Isso permitia as concluintes matricular-se na 3ª série do curso normal da escola normal de Macapá, hoje instituto de educação do Amapá-IETA.

Durante o mês de agosto as alunas se dedicavam à aprendizagem dos pontos principais de costura e nos meses seguintes ao curso de corte e confecção, com resultados compensadores. Para a exposição do fim do ano cada aluna apresentava um mostruário de pontos, um enxoval para recém-nascido e um conjunto de roupa interna para senhoras. As mais adiantadas confeccionavam mais alguns vestidos para criança, demonstrando bom gosto. Após a morte de Getúlio Vargas, como homenagem à aquele presidente da República, criador dos territórios Federais, por ordem verbal do diretor da Divisão de educação do Amapá, foram acrescentados ao nome da escola doméstica de Macapá os termos “Darcy Vargas”. A última diretora da escola doméstica foi a Irmã Battistina Gritti. Os resultados das alunas eram satisfatórios, pois em um dos exames e boletins de notas finais que foram analisados, foram aprovadas 10 alunas e uma reprovada. Outra aluna por circunstâncias especiais teve que submeter-se ao exame de segunda série.

Além da Escola de Prenda Doméstica de Macapá, criada em 1944, também foi criada uma Escola de Prenda Doméstica no município de Mazagão. Essas escolas não recebiam *status* de ensino médio (apenas em 1964, torna-se ginásio feminino), também não eram consideradas escolas de ensino primário e profissionalizante, eram apenas oficinas de prendas domésticas, fazendo com isso que tivesse um número de matrículas pequeno e um grande índice de evasão quando chegava a época da safra da Borracha na Amazônia, onde as alunas ajudavam suas famílias.

QUADRO 1- Número de Matrículas das Escolas Domésticas

(83) 3322.3222

(1944).

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



Escolas	Matriculas	Observações: causa de baixa matrícula
Prenda Doméstica de Macapá	43	Pela necessidade de reduzir uniformes a escola foi transformada em uma pequena oficina de alunas adiantadas.
Prenda Doméstica de Mazagão Velho	32	Algumas alunas se ausentavam por conta da safra da Borracha.

Fonte: Nunes (1946).

O jornal Amapá de 25 de janeiro de 1952, em homenagem aos oito anos de instalação do governo territorial, trouxe uma edição especial, com o seguinte título “Escola Doméstica de Macapá: aprimorando a mulher amapaense para a nobre direção do lar”. Definindo o espaço doméstico como aquele onde a mulher deveria saber atuar. Nessa escola, as alunas aprendiam corte costura, tricô, bordados, crochê e culinária (JORNAL AMAPÁ, 1852 p.04).



Fig. 02- Aula de Culinária, 1851. Fonte: Tribuna Amapaense (2015) | Fig. 03- Aula de costura, 1848 | Fonte: Blog Edgar Rodrigues (2014).

Também foi constatado que havia as dificuldades financeiras de manter e progredir com as atividades da escola doméstica, devido à limitação do espaço físico desta escola. A precariedade era relatada sempre pela superiora em relatórios da escola doméstica, porém sempre com muita delicadeza, respeito e ar de submissão, como afirma a superiora em relatório:

“Encerraram-se as aulas no dia 1 de dezembro, com um ato muito simples, porque o local reduzido e a pouca duração do curso não permitiu que fosse de outra maneira.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Presidiu e abrilhantou o ato o senhor Governador de território Major Janary gentil, que manifestou sua satisfação pelos trabalhos da escola. Mas, para que seja fato é necessário que ao menos certas partes do edifício estejam terminadas e em condições de serem utilizadas. Tais são: a cozinha, porque a atual não permite a reparação de alimentos para mais de 20 pessoas; a lavanderia e uma sala que possa adaptar-se a dormitório [...] Para a necessária expansão das alunas em seus recreios é indispensável que o pátio interno seja revestido de cimento ou de mosaico que segure o seu uso para os jogos e as aulas de educação física. O mobiliário e o material de ensino é incompleto. Certamente a compreensão das atividades governativas e educacionais providenciarão na justa medida com a visão ampla e prática que lhes dá o seu grande amor ao território e a obra educativa. A intenção do internato não foi a única atividade que desenvolveu a escola doméstica desde a sua fundação. Foi aberto um curso de iniciação profissional para senhoras e senhoritas com a matrícula de 46 alunas custeado pela divisão de educação. Em virtude da limitação do edifício e dos meios, se iniciaram aulas de corte, costura, tricô, e crochê, a partir de 15 de outubro do corrente ano. Essas aulas continuarão até no mês de março vindouro, para que as alunas possam completar o programa de ensino proposto. Em geral, se tem observado forte interesse para aprender e é notar o sacrifício de muitas senhoras que deixam seus filhos para assistirem às aulas. A dificuldade que se encontra e que se acentuará na época das chuvas é a falta de transporte. É de desejar em futuro próximo que a cidade disponha de meios regulares de transporte e que a escola doméstica disponha de meios seguros para a condução das alunas”. (Macapá, 18 de dezembro de 1951. Natalina Guerini - Superiora).

Há importantes relatos de uma ex-aluna da Escola Doméstica de Macapá, que foram conseguidos por meio de entrevista, durante a pesquisa, que dizem respeito às regras da escola dentre outros assuntos envolvendo a escola um modo geral:

“As regras da escola da escola doméstica, no tempo do internato era o seguinte: as alunas faziam o exame de admissão, pra entrar no colégio, eram feitas as duas provas eliminatórias de português e matemática, quem alcançasse cinquenta por cento, ficava na escola. Quem não alcançasse já era eliminada. Depois de entrarmos lá, que eram mais alunas que vinham de famílias pobres, ou órfãs, que não tinham ninguém aqui em Macapá, então ficávamos internadas nessa escola, e lá tínhamos que obedecer a regras como, por exemplo, não podíamos chegar lá com namorado, não podia usar roupa curta, não podia usar blusas transparentes que também, saíamos no primeiro domingo do mês pra ir visitar os parentes que estivessem aqui. O que eu achava mais interessante é que nós só podíamos ir com alguém responsável, pai, mãe, algum irmão, ou algum parente, só que não podíamos ser levadas pelo namorado, se tivesse namorado e se fosse, levava bronca. Já as nossas atividades eram mais trabalhos manuais. Que trabalhavam em artes, tinha as artes práticas, artes industriais, educação para o lar, que vinha crochê, bordado, tricô, tapeçaria. Enfim, todo e qualquer trabalho manual que você pudesse imaginar. Era assim nessa época.” (Ex-aluna da escola doméstica de Macapá, 2015)

Acerca das lembranças que mais marcaram:

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

“O que mais me marca a memória é que tinha-se o uniforme de gala e o uniforme diário, o uniforme de gala era aquela saia pregueada, bem comprida, com meia, sapato fechado, todas iguais e tinha que vestir anágua, soadeira, não podia aparecer o sutiã no caso né, e no uniforme diário também, tanto é que, quando alguma aluna vinha com a saia um pouco mais curta, nossa! Era desmanchada a bainha e tinha que fazer de novo”.

Acerca do funcionamento do regime de internato:

“As alunas faziam o exame de admissão pra poder ingressar, dormia na escola, podia sair só uma vez no mês, o primeiro domingo do mês, saiam pra visitar os parentes, aquelas que tinham parentes, aquelas que não tinham, ficavam lá. Na entrada, era cantado o hino nacional, isso era sagrado em todas as escolas, não só na escola doméstica. Ajudávamos nas tarefas, apesar do que tinha, por exemplo, a cozinheira, mas ajudávamos sempre, nesse trabalho, cada uma lavava sua roupa. Tinha o dormitório que era, não to bem lembrada, mas acho que era umas dez camas para cada dormitório. Mas ajudávamos, em tudo o que fosse necessário”.

Percebe-se com base na entrevista que, a educação da mulher na verdade, talvez nunca tenha sido para ela. Há uma grande diferença entre educação da mulher, educação para a mulher, e a educação que a mulher quer, porém esteve durante muito tempo e ainda hoje é possível perceber a impregnação de uma cultura inferiorizante e sem espaço para as mulheres nos grandes papéis sociais, pois a mulher era vista apenas como responsável pela educação dos filhos, por fazer de seus “companheiros” bons ou maus e dar origens a grandes desordens, aprender a desenvolver papéis femininos corretamente, papéis que já estavam tradicionalmente prescritos, ser mãe, esposa, dona de casa educadora, isto é, viver para outrem (MUNIZ 2003).

De acordo com os estudos, foi observado que o núcleo moral do processo de escolarização pretendido era o cultivo do nacionalismo que tinha como objetivo fomentar o orgulho nacional e a educação era utilizado como um instrumento dessa nacionalização, como pode ser visualizado durante os desfiles escolares realizados no mês de setembro em homenagem a criação do Território Federal do Amapá. Esses eventos ganhavam ressonância nas páginas dos jornais locais, Relatórios dos Governos e fotografias, como por exemplo, o Jornal Amapá, e o Relatório de atividades do governo do Território Federal do Amapá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As pesquisas acerca da Escola Doméstica de Macapá revelaram a reflexão de vários aspectos que até então estavam na penumbra, na invisibilidade, permitindo



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

traçar um novo “quadro geral” das Escolas Domésticas no Brasil no século XX e no caso desse estudo também na Amazônia amapaense.

Os documentos “oficiais” como Relatórios do Governo do Território do Amapá, se mostraram como fontes fundamentais para essa pesquisa, pois por meio deles foi possível fazer o mapeamento geográfico e estatístico da Escola Doméstica de Macapá no período de 1944 a 1954. Para Gatti Junior e Araújo (2002), esses documentos, além de permitirem perceber a “fala” oficial e autorizada, permitem igualmente comparar e relacionar, no corpo do mesmo relatório, a Escola Doméstica de Macapá, com as outras preocupações do Governo Territorial, como, por exemplo, a Saúde, o Comércio, a infraestrutura, entre outras. As legislações educacionais e os regulamentos escolares, também foram utilizados na pesquisa. Segundo Faria Filho (1998), esses documentos, reconhecidos como práticas sociais e produzidos pelos sujeitos históricos, remeterem a diversos aspectos da vida social e revelam seus interesses e desejos, configurando-se como espaços, objeto e objetivo de lutas políticas.

Os jornais locais permitiram descortinar um novo mundo, mais rico em detalhes e mais dinâmico nas relações sociais. De acordo com Nóvoa (1997), os jornais não apenas servem para fornecer a memória dos percursos educacionais, mas, sobretudo, permitem compreender que não há nenhum determinismo na evolução dos sistemas educativos, das ideias pedagógicas ou das práticas escolares: tudo é produto de uma construção social. Para que compreendêssemos o processo de educação de meninas na Escola Doméstica de Macapá no período de 1944 à 1954, nos fundamentamos em teóricos da “história cultural”. A história cultural, segundo Chartier (2002 p.16), tem por “[...] principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

A história cultural é o resultado de um diálogo que se estabeleceu, desde os anos de 1960, entre a sociologia, a antropologia e a história, e que também estuda quem produz a cultura como os intelectuais, artistas, políticos etc., ou seja, as “mentalidades” são de grande utilidade para compreendermos as atitudes de homens e mulheres daquela época, perante a morte, a família, a sexualidade, o poder, a religião, a educação, entre outros”, e, se ela alcançou todo esse espaço, foi somente porque “garantiu o elo entre as representações e as práticas, entre o individual e o coletivo, oferecendo a cada uma das histórias especializadas seu alcance geral.

O caráter assistencial desta escola fica evidente no acolhimento de meninas órfãs e pobres. Esse modelo de regime educativo prevalece até a metade do século XX. Assim como outros internatos que surgem no Brasil na segunda metade do século XIX para fins de instrução ou educação, apresentando forte influência jesuítica



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

e europeia. Nesse sentido, pesquisar a Escola Doméstica, no Amapá na segunda primeira metade do século XX, foi pertinente pelo fato de contribuir para a (re) construção da história da educação na Amazônia, explicitando as especificidades da educação feminina, visando compreender, a partir dos contextos social, político, econômico e cultural, os fundamentos históricos da construção e organização das Escolas Domésticas no Amapá.

Com esta pesquisa foi possível depreender que a Escola Doméstica de Macapá, durante muito tempo configurou-se como uma instituição filantrópica e confessional, que se preocupava apenas com a formação dos valores nacionalistas, onde se destacava a preocupação com o fortalecimento do modelo patriarcal de família, por meio de um investimento precário, mas que buscava a formação de meninas para o aprendizado das prendas domésticas, isto é o aprimoramento da mulher na direção do lar, definindo o espaço doméstico como aquele onde a mulher deveria saber atuar.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. (1984.) **História social da criança e da Família** 2 Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BLOG: Edgar Rodrigues. Disponível em: <<http://edgar-rodrigues.blogspot.com.br/>> Acesso em :22 nov 2015.

CHARTIER, Roger. (2002). **O mundo como representação**. In: _____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, p. 61-80.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. (1998). **A legislação escolar como fonte para a História da Educação**: uma tentativa de interpretação. In: **Educação, Modernidade e Civilização**: fontes e perspectivas de análise para a história da educação oitocentista. Belo Horizonte: Autêntica.

GATTI JUNIOR, Dêlcio ARAÚJO, José Carlos Souza. (2002). **Novos temas em história da educação brasileira**. Autores Associados; Uberlândia - MG.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et. al.]. 5.ed.Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

NÓVOA, Antônio. (1997). **A Imprensa de Educação e Ensino**: concepção e organização do repertório Português. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Org). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. Escritura. São Paulo.

MUNIZ, Diva (2003) **Um toque de gênero**: história e educação em Minas Gerais. Brasília. Editora: Universidade de Brasília FINATECH.

PORTA RETRATO: **Amapá/Macapá de outrora**. Disponível em: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br/> Acesso em: 26 nov 2015.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br